

# O COMBATE DO JORNAL “CATOLICISMO” NOS ANOS 1960\*



Vinicius Couzzi Mérida\*\*, Wellington Teodoro da Silva\*\*\*

**Resumo:** *artigo trata do jornal “Catolicismo” e sua linha editorial de combate antimoderno, antirrevolucionário e anti-comunista na década de 1960. A pesquisa foi feita a partir da análise de seu conteúdo que identificaram matrizes do pensamento reacionário do catolicismo conservador brasileiro do período. Ele contou com a liderança de três principais dos principais atores do pensamento e prática desse setor do catolicismo: Dom Antônio de Castro Mayer (1904-1991), Dom Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) e Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995). Privilegiamos sua ação contra o comunismo e contra os setores de esquerda do catolicismo do período.*

**Palavras-chave:** *Catolicismo. Esquerda. Conservadorismo. Antirrevolução.*

O período do pós-guerra marcou-se pelo surgimento da guerra fria e com as fortes tensões que ela gerou. A luta contra o inimigo vermelho se impunha para os setores reacionários do catolicismo brasileiro como um combate definitivo contra mal que se organizara num império com pretensões mundiais. Essa luta revestia-se de dimensões escatológicas uma vez que a vitória do comunismo era vista como a definitiva vitória dos inimigos da Igreja.

Nesse ambiente de medos nada mais importava para os católicos do que o combate na terra com vistas ao Reino de Deus. A prática militante do combate o inimi-

\* Recebido em: 28.06.2021. Aprovado em: 02.12.2021.

\*\* Mestre em Ciências da Religião (Faculdade Unida de Vitória). Doutorando em Ciências da Religião (PUC Minas; cotutela com ULAVAL do Canadá). *E-mail:* viniciusmerida@gmail.com

\*\*\* Doutor em Ciência da Religião (UFJF) com pós-doutorado em História ( FAFICH / UFMG). Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PUC Minas). Professor convidado pela Universidade de Havana. *E-mail:* wteodorosilva@gmail.com

go definitivo traduzia-se como ato salvífico e alcançava dimensões bíblicas. A ação deveria ser conduzida tanto fora quanto dentro da Igreja que estava permeada pelo comunismo por meio dos setores que vieram a ser conhecidos como esquerda católica. O inimigo conseguira o absurdo: permear os diversos setores da instituição salvífica nos seus diversos níveis: cardeais, bispos, clero, membros de ordens e congregações religiosas femininas e masculinas, organizações do laicato como a Ação Católica, Juventude Estudantil Católica, Juventude Operária Católica etc.

O jornal mensal *Catolicismo* surgiu no início da década de 1950 como um instrumento desse combate que era religioso e civilizacional. Seu objetivo principal era combater as expressões chamadas de esquerdas e comunistas no interior da Igreja Católica e os demais movimentos que pudessem ter alguma relação com ela. O caráter militante se revela já na sua primeira edição que anuncia a preocupação de formar uma comunidade de fiéis que fosse legítimos católicos. Eles deveriam, naquele tempo, ser contrarrevolucionários, e, por consequência recusar de modo definitivo a modernidade e todas as suas expressões.

“Catolicismo” foi organizado pelo antigo grupo do semanário “O Legionário” (1927-1947), que foi um jornal católico da arquidiocese de São Paulo dirigido por Plínio entre 1933 e 1947, quando ele foi extinto por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890-1982). Desde que Dom Carlos assumiu a arquidiocese em 1943, havia uma animosidade entre ele e Plínio, padre Sigaud e padre Antônio de Castro Mayer, que é retratado neste artigo como Castro Mayer. O encerramento das publicações do “Legionário” foi somente mais um episódio que cristalizou a tensão religiosa e política já anunciada desde há alguns anos por divergências ideológicas e diferentes formas de enxergar o mundo.

Ao se tornar bispo e tomar posse da diocese de Campos dos Goytacazes, no norte fluminense, Castro Mayer atendeu ao pedido de Plínio Corrêa de Oliveira de fundar o jornal “Catolicismo”. Isso aconteceu em janeiro de 1951. Sua sede ficava em Campos dos Goytacazes e ele passou a tratar da formação intelectual de lideranças que pudessem cumprir o papel de difusores e formadores de opinião. Desse modo, esperava-se que sua militância alcançasse âmbito nacional.

Ao longo de suas oito páginas, o grupo dirigente estruturou uma ambiciosa estratégia discursiva de propor formação teológica, religiosa, filosófica, política, econômica e cultural. Seu eixo temático se constituía na recusa de toda a formulação feita a partir do renascimento e por causa dele que corrompia a sociedade ocidental a partir do século XIV. As principais consequências desse pensamento renascentista eram a reforma protestante (1517); a revolução francesa (1789) e a revolução na Rússia (1917). Seus objetivos era demolir a cristandade ocidental que esse grupo pensava ter acontecido no período medieval, quando a Igreja exercia o pleno controle social na Europa ocidental (OLIVEIRA, 2009, p. 25)

Castro Mayer atendeu a dois pedidos de Plínio Correa de Oliveira dando-lhe a função de editor-chefe do jornal e lhe confiando a formação da Congregação Mariana além de um grupo de jovens que foram recrutados para trabalhar e distribuir o “Catolicismo” por todos o Brasil. Segundo Plínio, “‘Catolicismo’ era o ‘Legionário’ aparecendo sob outro nome. Entretanto, mais do que um jornal, ‘Catolicismo’ era um movimento” (ARQVCM 17/06/1989)<sup>1</sup>.

A ideia era fazer uma frente contrária a outros jornais católicos brasileiros que tinham ideologia diferente ao grupo de Plínio. Afinal, as décadas de 1950 e 1960 foram dinâmicas quanto ao surgimento de várias revistas de cultura e jornais católicos pelo Brasil (AZZI, 2008, p. 455), o que era claro reflexo da pluralidade do catolicismo brasileiro, que reuniu em torno de si grupos diametralmente opostos. Assim sendo, a proposta deste artigo é explicar a postura combativa de “Catolicismo” contra a “esquerda católica” e contra setores mais progressistas da Igreja no Brasil nas décadas de 1950 e 1960.

#### A IDENTIDADE DO JORNAL “CATOLICISMO”

O jornal “Catolicismo” foi inaugurado com a matéria “A Cruzada do século XX”, cujo autor foi Plínio Corrêa de Oliveira. Ela marca a identidade e o elã motivador desse projeto de imprensa. Surge sob o signo do catolicismo guerreiro com determinante referência ao período medieval. Essa filiação a uma tradição desse momento da história não se deu em suas elaborações teológicas, mas no seu aspecto de combate contra o infiel. Esse salto para trás também aconteceu como modo de buscar um mundo perdido, destruído pela modernidade por meio da revolução. Oliveira compreendia que o comunismo era o máximo inimigo por representar a máxima expressão da modernidade revolucionária e materialista. Desse modo, uma nova cruzada se impunha aos católicos.

*Na Idade Média, os cruzados derramaram seu sangue para libertar das mãos dos infieis o Sepulcro de N. S. Jesus Cristo, e instituir um Reino Cristão na Terra Santa. Hoje, corre de novo o sangue dos filhos da Igreja, na Hungria, e na Polônia, como na Checoslováquia e na China. Para que? Para libertar a Cristandade do jugo do Anticristo comunista, e restaurar no mundo o Reino de Cristo. Mas o que é o Reino de Cristo, ideal supremo dos católicos, e, pois, meta constante desta folha? É o que procuramos definir na enumeração de princípios, marco luminar de nossa atividade (OLIVEIRA, 1951, p.1).*

Embora profundamente antimoderno, “Catolicismo” utiliza conceitos próprios da modernidade em sua “nova cruzada”. Sua estratégia se constitui em inserir sua narrativa na disputa pela “opinião pública”. De modo inesperado para um jor-

nal com essa matriz, cita o filósofo iluminista Voltaire. Ele esperava formar a opinião da “rainha do mundo” ao mesmo tempo em que identificaria contra os inimigos da Igreja, fossem eles inimigos internos ou externos. O jornal arrogou a si a missão de identificar estes inimigos e formar a postura ideal do verdadeiro católico, de maneira contundente.

*É este o objetivo com que lançamos hoje “Catolicismo”. Nossa folha visa contribuir para proporcionar à elite intelectual e às organizações religiosas católicas da cidade e de toda a Diocese, uma visão sintética dos principais acontecimentos nacionais e mundiais no campo religioso, filosófico, literário, político, social e artístico, completada sempre por uma apreciação feita do ponto de vista da doutrina católica. Por esta forma, contamos proporcionar à intelectualidade campista meio seguro e cômodo de analisar o desenvolvimento da grande tragédia contemporânea - à qual está ligada o Brasil como membro da comunidade das nações cristãs do Ocidente — do único ponto de vista que realmente interessa: na imensa confusão em que vivemos, estamos nos afastando de Jesus Cristo, ou estamos retornando a ele? Quais as ideologias, os partidos, os sistemas, os homens que aproximam o mundo de Jesus Cristo; quais os que Dele o afastam? “A opinião pública é a rainha do mundo”, escrevia Voltaire. Em nossos dias, esta afirmativa se torna cada vez mais verdadeira. Formar a opinião tem sido o objetivo constante de todas as forças ocultas ou não, que vem tentando desde o século XVIII, ou quiçá, desde o século XVI a conquista do mundo (OLIVEIRA, 1951, p. 4).*

Sua distribuição alcançou todo o Brasil desde a sua primeira edição. Entre as bandeiras promovidas por “Catolicismo”, merece destaque o combate contra o discurso igualitarista promovido pelas revoluções modernas, que ganharam amplo espaço político, social e cultural no século XX. A igualdade moderna, liberal em sua origem, ganhou tintas mais fortes na linha editorial do jornal no igualitarismo bolchevique, que pela ótica de “Catolicismo”, era consequência direta do liberalismo (OLIVEIRA, 2009, p. 55).

De fato, Lenin sonhou em propagar o incêndio revolucionário pela Europa e depois por todo o mundo, em clara alusão ao discurso de Marx “trabalhadores do mundo, uni-vos” (COURTOIS; PANNÉ, 2020, p. 321). Entretanto, à medida que as revoluções marxistas ganharam espaço, houve dissidências entre os próprios revolucionários. Por isso, o Socialismo precisa ser entendido como movimento plural e não um único bloco mundial. Entretanto, a linha editorial de “Catolicismo” sempre os tratou como um bloco único que tinha por finalidade o poder, conforme vemos no fragmento a seguir, escrito no “Catolicismo” por Cunha Alvarenga (1951, p. 1):

*Insiste em afirmar que a resistência ao comunismo somente é levada a cabo com êxito nos países dominados pelos partidos socialistas, esquecendo-se de exemplos históricos bem recentes, como o da Espanha, da Itália e da França, em que socialistas e comunistas se deram as mãos para assaltar o poder. Socialistas e comunistas se colocam em terrenos opostos, ou se abraçam com camaradagem, não por razões ideológicas, pois ambos tendem para o mesmo fim revolucionário, mas por pura imposição tática ou por conveniência política.*

Como argumento de combate à radicalização igualitária do comunismo, “Catolicismo” nunca deixou margem para dúvidas sempre defendendo a desigualdade entre os seres humanos, classificando-as como projeto divino. Essa desigualdade antimoderna deve-se à sua compreensão de haver harmonia divina na organização medieval fundada nos estamentos. A hierarquia iniciava em Deus, anjos humanos e natureza.

*Começemos por fixar algumas das características da doutrina Católica e da civilização cristã tal como esta última se realizou durante a Idade Média. Notemos antes de tudo que a concepção católica de Deus e da criação é essencial e profundamente hierárquica: 1 — Deus é um ser pessoal e transcendente, o Ser por excelência, que possui em si toda a vida e todas as perfeições. Os outros seres foram criados por Deus do nada, e voltariam ao nada se a todo o momento Deus não lhes conservasse a existência. Suas qualidades não são senão um reflexo das perfeições de Deus. Seu único fim é servir e dar glória a Deus. Entre Deus e as Criaturas há, pois, a mais profunda desigualdade que se possa imaginar 2 — As criaturas por sua vez, são desiguais entre si. Os Anjos são puros espíritos. Abaixo deles estão os homens, ao mesmo tempo espirituais e materiais. Vêm depois, em ordem decrescente, os animais, os vegetais e os minerais. Em cada uma destas categorias, há ainda numerosas hierarquias. Para só falar dos seres inteligentes, os Anjos estão divididos em nove coros superpostos e desiguais entre si. Os homens reunidos no seio da Igreja, foram criados por Deus para graus diferentes de santidade, e, segundo sua correspondência a este plano divino, ocupam posições desiguais aos olhos de Deus, nas fileiras da Igreja gloriosa, padecente ou militante. Estas desigualdades se traduzem num culto (OLIVEIRA, 1951, p. 1).*

Por isso que o comunismo, ou qualquer discurso similar, incluindo o liberalismo, que comprometesse a desigualdade entre os seres humanos era implacavelmente combatido pelo jornal, que tinha entre seus objetivos manter as diferenças hierárquicas entre as pessoas em qualquer esfera social.

O contexto histórico que marcou o surgimento de “Catolicismo” é caracterizado pelo surgimento de movimentos sociais dentro da Igreja, que tinham entre seus ob-

jetivos a diminuição das diferenças sociais. Por isso, sua linha editorial entrou em rota de colisão com diferentes setores da Igreja Católica por entender que estes movimentos eram influenciados pelo comunismo. Por isso, o grupo dirigente do jornal se entendeu como soldados medievais combatendo a cruzada do século XX contra as revoluções igualitárias e sempre as matérias produzidas pelo jornal sempre foram coerentes com as ideologias antimodernas do seu grupo dirigente.

## SOBRE A ESQUERDA CATÓLICA

Antes de seguir na análise do jornal “Catolicismo” e sua militância é adequado que tratemos alguns aspectos da chamada esquerda católica. Apresentamos elementos centrais desse setor da Igreja Católica brasileira para que se possa compreender contra o quê o objeto desse artigo está tratando. Compreender seu antagonista é um modo de melhor compreender os sentidos e os significados de sua narrativa.

A expressão esquerda católica consagrou-se para tratar setores do pensamento e militância católicos que romperam com a condição de avalista moral da política autoritária brasileira mantida pela Igreja até meados do século XX. Os setores reacionários formularam essa expressão como com fins depreciativos. A ideia era reduzir a condição religiosa tratando-a politicamente: menos católicos por serem de esquerda.

Esses católicos articula a tradição com a revolução de modos que a revolução surge como evento necessário e decorrente da própria tradição. Desse modo, eles não se associam à rotina da esquerda de matriz marxista em sua compreensão de que a principal tarefa da revolução é romper com o passado. Eles não acompanham a asserção de Karl Marx (2002) que, em sua análise sobre o golpe de Estado de Luís Bonaparte, lamenta pelo fato de quando parecem estar dispostos a revolucionarem-se, criando algo que nunca existiu, os homens invocam os espíritos do passado, da tradição das “gerações mortas que oprimem como pesadelo o cérebro dos vivos” (MARX, 2002, p. 21).

Eles não entendem que a tradição imponha a necessária traição dos movimentos revolucionários. A revolução surge quando necessária e inevitável como processo do humano na história. É produzida como exigência da própria tradição e é por ela iluminada. A tradição pode se manifestar na conservação ou na revolução que se apresenta como síntese produzida pela própria história. Desse modo, não acompanham as esquerdas de matriz marxista em sua tentativa de criar o humano novo que opera rupturas definitivas com a tradição, com o passado de opressão, na direção do futuro que inauguraria uma nova ontologia. O ambiente da esquerda de matriz marxista deseja produzir a ruptura com o passado.

Pensam ser capazes de fabricar o futuro. Isso é mais visível no seguinte mantra leninista: a tarefa do revolucionário é fazer revolução. O futuro é o lugar idealizado da plena emancipação humana, supressão das classes e fim do Estado como alienador da política.

Também não acompanham os setores reacionários do catolicismo em suas compreensões de que a modernidade operou ruptura com um passado de virtudes, uma espécie de quase-Éden na terra. Essa idealização é resultado de interpretações mediadas por formulações anacrônicas e por uso de conceitos de maneira extemporânea, fora de seus espaços de experiências (KOSELLECK, 2021) que produzem a imaginação do passado como uma espécie de idade de ouro. Podemos pensar que os reacionários tem uma coisa em comum com o bolchevismo que eles combatem e tem horror. Para arrepios de ambos, possuem uma idealização do tempo com sinal trocado. Os reacionários acreditam num passado ideal que pode ser atualizado para o presente e os bolcheviques idealizavam o futuro e buscavam a sua antecipação, a sua construção no presente.

Os católicos de esquerda disputaram tanto a tradição com os conservadores quanto a revolução com os marxistas. A revolução é uma ideia estruturante do pensamento do catolicismo de esquerda do período que tratamos. Ele a compreendia como morte e ressurgimento de estruturas e mentalidades novas. Existe de maneira mais densa na matriz cristã de compreensão do mundo porque ela lida com a ideia de ressurreição que é a superação da morte na direção de uma realidade nova situada no absoluto. A ressurreição preparou o imaginário humano para a produção da revolução. Ambas superam radicalmente uma dada realidade e inauguram outra que supera a anterior. Esses cristãos acreditavam que revolução é mais propriamente cristã do que marxista e esperavam devolvê-la ao seu lugar original.

O leigo católico Paulo de Tarso (1926-2019), foi ministro da educação do governo João Goulart e deputado pelo Partido Democrata Cristão e destacado representante da esquerda católica. No ano de 1963 publicou o livro com o significativo nome “Os cristãos e a revolução social” (TARSO, 1963). Ele entende que a doutrina social do cristianismo é um conjunto de princípios e ensinamentos baseados na razão e completados “pela Revelação e pela Tradição da Igreja, com objetivo de orientar a realização do bem comum” (TARSO, 1963, p. 89). Desse modo, os ensinamentos dos papas afirmam uma política orientadora da economia segundo a inspiração cristã subordinada aos valores cristãos da justiça que ele compreende a partir de leituras de Santo Tomás de Aquino. Sem cair na tentação totalitária, o Estado poderia tomar para si as propriedades dos meios de produção caso seja necessário para a realização do bem comum. Tarso lembra que a propriedade coletiva dos meios de produção é diferente da propriedade estatal e que João XXIII defende o gênero propriedade privada,

e não uma de suas expressões: a propriedade individual. Esse papa, assegura, elabora as bases para a recusa do liberalismo no caso de organizar a partir dos direitos exclusivos dos indivíduos à propriedade.

O jovem Herbet de Souza era militante católico que, como os demais, recusava a condição de herético, cripto-comunista, inocente útil e ateu. Assegurava que os jovens católicos de esquerda compreendiam que o cristianismo era uma força revolucionária que não poderia ser ocultada em sua exigência de “revelar a verdadeira face do homem e da sociedade, o drama de seu existir e dos caminhos de sua liberdade” (SOUZA *apud* CARDONNEL; VAZ; SOUZA, 1963, p. 99). O cristianismo não era uma religião de evasão do mundo. Ela implicava um modo de inserção qualitativamente densa impregnada de sentidos que, inserindo-se na tradição, elevava a história à condição da maior epopeia imaginável. O filho de Deus que nasceu humano no tempo histórico eleva a dignidade da história e do humano inserindo-os em seu projeto salvífico. Ao cristão cumpre iniciar na história o movimento de salvação que será definitivo no final dos tempos.

Por fim, nesse tópico, importa tratar do dominicano frei Carlos Josaphat (1921-2020) que exerceu grande influência tanto no ambiente católico quanto no político da sociedade ampla. Dentre suas obras do período, destacamos “Evangelho e revolução social” (JOSAPHAT, 1962) que teve primeira edição publicada no ano de 1962 e a segunda em 1963. Sua terceira edição aconteceu em 2002 por ocasião dos 40 anos da obra e 80 do autor. Esse livro foi escrito a partir de seus cursos e palestras em diversos locais do país sobre a encíclica *Mater et Magistra* e cumpriu papel central na formulação do pensamento do catolicismo de esquerda. A versão final foi elaborada a partir de um curso ofertado para centenas de formadores de seminários católicos brasileiros que aconteceu em Porto Alegre. Consideramos que esse livro é um dos principais marcos do pensamento do catolicismo brasileiro.

Segundo Frei Carlos, o ambiente político estava polarizado entre capitalismo X comunismo. A renovação cristã proposta pelos católicos de esquerda propunha a concepção integral do ser humano. Eles deveriam se situar acima dos mitos de esquerda e de direita recusando a exploração capitalista e a opressão comunista. A caridade é um dos elementos estruturantes da sistematização que o dominicano produz. A posição do católico deve fundar-se na plena caridade evitando a sua deteriorização. Ela se deteriora quando se reduz à esmola ao indigente. Cristo propôs a caridade como doação que pode incorrer no risco da própria vida quando empenhada na construção da felicidade para todos. Seu resultado deve ser a elevação do outro à sua condição de imagem e de filho de Deus. A caridade impõe a busca das causas profundas das condições que negam a dignidade ao humano.



Naquele momento, segundo Josaphat, a inteligência humana já tinha se desenvolvido de maneira suficiente para se compreender que as estruturas historicamente construídas eram as causas do empobrecimento. Desse modo, a caridade, que ele afirma ser a fonte de todas as virtudes, impunha a ação nas estruturas que produzem os empobrecimentos e injustiças. Ela deve animar o cristão a assumir a política como meio de transformação estrutural da sociedade. Afirma que o marxismo exercia mais sedução por oferecer uma escatologia mais acessível e uma ideia de ação mais eficiente porque a pessoa, o jovem sobretudo, sentia-se em fusão com a história. Ele é uma radicalização humanista que traz pra mais perto da pessoa a escatologia cristã. Josaphat chama atenção para a encíclica *Divinis Redemptoris* onde o Papa Pio XI afirma que o marxismo apresenta uma imitação laicizada dos grandes dogmas cristãos.

## O JORNAL “CATOLICISMO” CONTRA A ESQUERDA CATÓLICA

O pensamento conservador do catolicismo brasileiro do século XX é complexo e possui expoentes notáveis tanto pela atividade intelectual quanto pela militância. Vale destacar Carlos de Laet (1847-1927), Antônio Felício dos Santos (1843-1931), Jackson de Figueiredo (1891-1928), Gustavo Corção (1896-1978), José Pedro Galvão de Souza (1912-1992), Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995) etc. Eles tinham diferenças entre si que não serão tratadas nesse texto. Importam-nos a atuação conjunta da já citada tríade composta por Plínio Corrêa de Oliveira, Dom Antônio de Castro Mayer (1904-1991) e Dom Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) que foram os mentores do mensário “Catolicismo”. Eles combatiam de maneira decidida os setores de esquerda do catolicismo e para esse fim fundaram e conduziram os trabalhos do “Catolicismo”.

Seus trabalhos nessa tarefa arrogada iniciaram em 1936 quando Plínio conheceu, em São Paulo, Dom Sigaud e Castro Mayer, que eram padres dessa arquidiocese (ARQVCM, 08/08/1954). A militância conjunta se estendeu pelas décadas seguintes, com apogeu nas décadas de 1950 e 1960, alinhadas ao combate contra o comunismo na política brasileira; na defesa da propriedade privada e contra as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II.

Suas compreensões de Igreja, cultura, política e sociedade estruturava-se pela idealização do passado que fora corrompido pela modernidade, pela rigidez moral e o enaltecimento das benesses da estratificação social. Portanto, caracterizam-se como reacionários conforme a descrição de Francisco Iglesias (IGLESIAS, 1981) bem como reúnem elementos caracterizados por uma ideologia conservadora, movendo-se no campo da direita política (ZANOTTO, 2007, p. 18).

Após anos de trabalho em São Paulo e um período na Espanha e Portugal Dom Sigaud foi sagrado bispo em 1947 e foi enviado para a diocese de Jacarezinho. Castro Mayer foi sagrado em maio de 1948 e foi enviado como bispo auxiliar de Campos dos Goytacazes no mesmo ano. Ambos os bispos foram sagrados pelo núncio apostólico Dom Carlo Chiarlo (1881-1946). Tanto em Jacarezinho como em Campos dos Goytacazes a portas foram abertas para Plínio, a fim de que ele exercesse a militância antimoderna, com o apoio dos dois bispos amigos (ARQVCM, 10/08/1954).

Após sua fundação, o jornal “Catolicismo” teve como primeiro diretor o Padre Antônio Ribeiro do Rosário (1909-2004). Sua edição acontecia em Campos dos Goytacazes e seu conteúdo revisto e impresso em São Paulo pelo “grupo da Martim Francisco” (ARQVCM 17/06/1989). O trabalho de escrever o jornal era de responsabilidade do grupo ligado a Plínio, que residia em São Paulo. Por sua vez, José Carlos Castilho de Andrade coordenava o corpo de redatores. Plínio escrevia sobre “ambientes, costumes e civilizações”. Fernando Furquim de Almeida tratava sobre “Os católicos franceses no século XIX”. Essa coluna era destinada a falar das heresias que havia dentro da Igreja e como os franceses as combatiam. Adolpho Lindenberg escrevia sobre política internacional; Antônio Ablas Filho era o agente geral do jornal para o sul do Brasil, Dom Geraldo de Proença Sigaud escrevia sobre política e Dom Antônio de Castro Mayer escrevia sobre questões ligada à Igreja e a formação religiosa.

Os principais assinantes eram anticomunistas, ex-integralistas (ARQVCM 09/08/1954) e ex-assinantes do “Legionário”. Quando o “grupo da Martim Francisco” deixou os trabalhos no “Legionário”, eles levaram a lista de assinantes e a forneceu para o “Catolicismo”. Assim, o jornal foi enviado para todo o Brasil, com primeira tiragem de 5000 exemplares (ARQVCM 16/06/1973).

Já na primeira edição da década de 1960, Plínio Corrêa de Oliveira publica uma matéria informando que o verdadeiro cristão é necessariamente católico, apostólico, romano, e que deve militar contra o pensamento revolucionário moderno e combater a atuação comunista.

*A Revolução tem por ponto de mira eliminar toda influência cristã no mundo. Ora, desde o declínio do poderio muçulmano nos Tempos Modernos, pode-se dizer que os povos-líderes da terra foram sempre cristãos. O império da Casa d'Áustria, a hegemonia política e cultural francesa, a dominação inglesa no século XIX, o poderio dos Estados Unidos, que se tornou há algumas décadas verdadeiramente dominante em boa parte do globo, por fim a ascensão da terrível influência da URSS não alteraram essa constante. Com efeito, cristãos em situação correta, saudável e normal só os católicos, apostólicos, romanos, filhos da única Igreja verdadeira (OLIVEIRA, 1960, p. 1).*

A primeira página de “Catolicismo”, da edição de janeiro de 1960, inaugura a nova década com a antiga militância: confrontos abertos, denúncias contra a esquerda e o comunismo e o declarado anseio de formatar o pensamento católico brasileiro, dividindo o verdadeiro católico dos falsos católicos. Aqueles conservadores e antimodernos, enquanto estes últimos de esquerda alinhados ao pensamento contemporâneo, permeado de ideias revolucionárias. Ele imprimiu em suas páginas aquilo que compreendia como molde ideal da sociedade perfeita e agradável a Deus: ordeira, obediente à Igreja, com valorização da arte, arquitetura, filosofia e teologia medievais.

A coluna “ambientes, costumes, civilizações” ensinava o modelo de vida ideal a ser praticado pelo indivíduo e sociedade, que ia desde as vestes recatada até a arquitetura. As demais colunas eram reservadas aos assuntos referentes à política, doutrina e economia, sempre buscando o resgate do modelo ideal de sociedade perdido com o tendo em vista o ideal de vida correto perdido pelo ocidente com o advento das revoluções modernas.

Em julho de 1960, ocorreu um fato muito importante para o grupo militante liderado por Plínio: a fundação da Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Este grupo militou politicamente por todo o país contra o comunismo, a esquerda e as revoluções modernas, sempre trajando indumentárias medievais, a fim de criar na sociedade valores ideológicos e estéticos alinhados com a idade média. A reforma agrária foi alvo da TFP, haja vista a publicação do livro *Reforma Agrária, Questão de Consciência*, publicada em 1960, cujos autores foram Plínio Corrêa de Oliveira, Dom Antônio de Castro Mayer, Dom Geraldo de Proença Sigaud e o economista Luiz Mendonça de Freitas.

Na década de 1960, a militância contra a esquerda foi intensa (TFP, 1988, p. 63). Pautas contrárias à reforma agrária e às reformas sociais sempre foram condenadas, pela TFP que usava “Catolicismo” para veicular suas ideias. Este grupo prezava pelas diferenças sociais como vontade divina, que fez os homens naturalmente desiguais, por isso, o comunismo era contrário à lei natural (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

As ideias relacionadas ao socialismo foram denunciadas, e de igual maneira, grupos católicos como Juventude Universitária Católica (JUC), e o centro Dom Vital também estiveram sob suspeição de estarem influenciados por ideias progressistas contra a ortodoxia da Igreja. Defensores de ideias contrárias à TFP, como Alceu Amoroso Lima (1893-1983) e Gustavo Corção (1896-1978) foram acusados de comungarem das ideias de Jacques Maritain (1882-1973) e Teilhard de Chardin (1881-1955). Entre o clero brasileiro, Dom Helder Câmara (1909-1999), Frei Carlos Josaphat e até Dom Eugênio de Araújo Salles (1920-2012) foram considerados apoiadores do socialismo e foram publicamente criticados

pela TFP (TFP, 1988, p. 96). Estranhamente, diferentemente do que se pode supor, Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), que assumiu a arquidiocese de São Paulo em 1970, nunca foi atacado abertamente pelo “Catolicismo” e Plínio sempre fez silêncio em relação a ele, apesar de terem ideias completamente distintas sobre religião e política.

Na edição comemorativa de 10 anos, em janeiro de 1961, “Catolicismo” publicou na sua primeira página o texto do colaborador Cunha Alvarenga (1961, p. 1):

*Eis, em forma breve, as disposições com que iniciamos a jornada há exatamente dez anos. Rememorando o caminho percorrido a partir do primeiro número, onde foram expostos os lineamentos de nosso programa sob o título de “A Cruzada do Século XX”, em primeiro lugar, como servos inúteis, queremos oferecer a Deus e à sua Mãe Santíssima o resultado de nossas lutas, de nossas vigílias, de nossos sacrifícios, na certeza de que, se algum fruto adveio desses trabalhos, devemos-lo exclusivamente à bondade do Altíssimo, segundo a formulação de Santa Joana d’Arc: “Os guerreiros lutarão e Deus lhes dará a vitória”. Ao se dirigirem para Jerusalém, os cruzados iam reconhecendo o caminho percorrido e, em lugares estratégicos, erguiam praças fortificadas, munidas de torres e de ameias, pontos de referência e de atalaia destinados a indicar a rota segura aos que viessem atrás, e a vigiar os movimentos do inimigo, bem como a concentrar e orientar a hoste antes de prosseguir na avançada.*

Em 31 de março de 1964, instalou-se no Brasil a ditadura civil-militar por meio de um golpe de Estado. Na primeira edição após esse evento, maio de 1964, o jornal publicou a matéria “A revolução anticomunista, glória do povo brasileiro” (CATOLICISMO, 1964, p. 8) comemorando a atuação dos militares. O golpe foi entendido como importante vitória para o grupo ligado a Castro Mayer, Dom Sigaud e a Plínio, pois eles atuavam energeticamente contra a militância de esquerda no Brasil, pois a relacionavam diretamente ao pensamento comunista.

Essa comemoração deu-se porque eles se entendiam como militantes que deveriam guardar a fé e a nação dos ataques externos, cujo maior inimigo naquele momento era o comunismo. Relevante para esclarecer o entendimento da realidade, é compreender que na década de 1960, a Igreja no Brasil vivia a ascensão da Igreja reformista (1955-1964) e a esquerda católica era atuante. Como resposta ao regime militar, surgiu a igreja popular, cujo apogeu foi compreendido entre os anos de 1964 e 1973 (MAINWARING, 2004, p.10).

A linha editorial do jornal “Catolicismo” se mobilizou exatamente na contramão dos movimentos da esquerda católica que atuava em diferentes regiões do país, haja vista o pronunciamento do arcebispo de Diamantina:

*Realmente, o Governo que acaba de ser deposto estava preparando a entrega da Pátria à Rússia. Nós, todos brasileiros, víamos estarrecidos esta suprema traição. E a perspectiva de vermos nossa Pátria escravizada e transformada em satélite da Rússia fazia ferver de indignação o nosso coração, e significava para todos os legítimos brasileiros um brado de convocação às armas para a defesa da Pátria. Mas não era somente a Pátria que estava sendo vendida ao imperialismo soviético. Preparavam também para a Igreja o calvário do seu martírio. Nós brasileiros, filhos da Santa Igreja, víamos brasileiros desnaturados preparar os instrumentos com que a Igreja ia ser martirizada. Víamos a Igreja fugir para as catacumbas e a Pátria mergulhada no silêncio dos campos de concentração (SIGAUD, 1964, p. 8).*

Esse pronunciamento contundente foi publicado na edição de maio de 1964 em apoio ao novo regime com o qual Dom Sigaud estabeleceu estreitas relações (SILVA, 2018, p. 237). Abertamente anticomunista, “Catolicismo” apoiou o governo militar e denunciou parcela do clero católico que tinha orientação de esquerda, alinhada com a chamada “igreja popular”. Quando houve a instauração do Ato Institucional Nº 5, AI5, “Catolicismo” denunciou Dom Helder Câmara por ligação com Fidel Castro (1926-2016) e de igual maneira, denunciou o padre José Comblin (1923-2011) por infiltração comunista dentro da Igreja:

*Em vez disso, o que pede D. Helder? Uma série de medidas que importam na consolidação do regime castrista. Fingindo confundir a Cuba autêntica, martirizada e inconformada, com a Cuba de Fidel Castro, a qual não é senão uma mentira oficial, D. Helder pede “a reintegração de Cuba na comunidade latino-americana”. Contra o comunismo, sim, que é o mais radical, o mais implacável, o mais cruel e o mais insidioso dos inimigos que jamais investiram contra a Igreja e a civilização cristã. A política internacional preconizada por D. Helder é inteiramente afim com a política nacional proposta pelo agitador belga Pe. Comblin (hoje aprazivelmente reinstalado em Recife), há pouco denunciado pela TFP em vitoriosa campanha contra a infiltração comunista em meios católicos. À vista dessa significativa afinidade, é impossível não recear que em Recife se esteja constituindo um dispositivo eclesiástico — amparado por importantes simpatias em outros lugares — no sentido de, explorando a Fé dos brasileiros, obter o apoio destes para uma política que importa na ruína do País e do mundo (OLIVEIRA, 1969, p. 8).*

O mesmo aconteceu com outros padres da linha progressista da Igreja. Muitos foram denunciados pelo jornal, sob a direção de Plínio Correa de Oliveira sob a acusação de serem inimigos infiltrados dentro da Igreja, no intuito de destruí-la internamente. Verifica-se assim, que a década de 1960 foi palco de intensas

batalhas entre diferentes polos dentro da Igreja, e não necessariamente entre direita e esquerda, mas também entre setores conservadores como a TFP e o Centro Dom Vital.

## CONCLUSÃO

O mensário “Catolicismo” se revelou desde o início um jornal combativo, que arrogou a si a função de cancelar a verdadeira prática católica, pautada nos discursos dos papas antimodernos que condenaram a Reforma Protestante, o Liberalismo e as doutrinas Socialistas entre os séculos XVI e XIX. Portanto, se tratou de um jornal que foi a expressão do conjunto de crenças de um determinado grupo reacionário que protagonizou diferentes momentos de tensões dentro da Igreja no século XX.

Assim sendo, a mentalidade reacionária do jornal “Catolicismo” pode ser caracterizada como antimoderna porque entende que a modernidade é a responsável pela diluição da idade de ouro imaginada. É antirrevolucionária porque a revolução é movimento diluidor próprio da modernidade. A revolução é ato de tamanha dramaticidade e densidade que necessita de um momento histórico próprio para se acontecer. A modernidade, por seu lado, necessitou da revolução para surgir. Revolução e modernidade se inauguram mutuamente; uma necessita da outra e uma produz a outra.

No entanto, há uma contradição em sua posição impossível de superar. Eles se inserem na divisão política instituída pela própria modernidade entre direita e esquerda e reação e revolução. De um lado estão aqueles que reagem e querem conter o movimento da história para a reconstrução de um passado perdido. Do outro lado, estão aqueles que querem revolucionar acelerando o tempo histórico na construção de um futuro idealizado. O pensamento desse jornal é modernamente antimoderno. Seu antimodernismo é marcado pelas condições oferecidas pela própria modernidade.

Tendo em vista o volume de matérias de “Catolicismo” e ações promovidas publicamente pelo grupo mentor do jornal, ainda existe a necessidade de pesquisas que contemplem tanto a pluralidade histórica da Igreja no Brasil do século XX e de igual maneira a militância antimoderna dos grupos conservadores, que seguem idealizando o passado, condenando o presente com o objetivo de resgatar no futuro o modelo social da idade média, quando a Igreja foi a instituição reguladora do modo de vida ocidental.

A dinâmica histórica evidencia que o resgate pleno da sociedade ideal do passado é uma quimera. Mas, apesar da história revelar que este resgate é uma quimera, a fantasia utópica ainda é bastante presente na mentalidade religiosa de milhares de pessoas que ainda hoje são promotores, assinantes e difusores do, ainda

ativo, jornal “Catolicismo”. Por isso, que entender este movimento é uma necessidade, em função da atualidade do assunto que resiste ao tempo, por mais revolucionários que eles sejam.

## THE COMBAT OF NEWSPAPER “CATOLICISMO” IN THE 1960’S

*Abstract: the article deals with the “Catolicismo” newspaper and its editorial line of anti-modern, anti-revolutionary and anti-communist combat in the 1960s. The research was based on the analysis of its content that identified matrices of the reactionary thought of Brazilian conservative Catholicism in the period. It counted on the leadership of three main actors of the thought and practice of this sector of Catholicism: Dom Antônio de Castro Mayer (1904-1991), Dom Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) and Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995). We privilege their action against communism and against the leftist sectors of Catholicism in the period.*

**Keywords:** *Catholicism. Left. Conservatism. Antirevolution.*

### Notas

- 1 ARQVCM: Arquivo de Pesquisa Pessoal Vinícius Couzzi Mérida. Segue adiante a data em que a informação citada foi proferida.
- 2 Endereço da sede da Sociedade Brasileira em defesa da Tradição, Família e Propriedade, fundada em 26 de julho de 1960, em São Paulo. Daí o nome “grupo da Martin Afonso”.

### REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Cunha. O boomerang do Sr. Velasco. *Catolicismo*, Campos dos Goytacazes, ano 1, n. 2, fevereiro de 1951, p 1.
- ARRAES, Virgílio Caixeta. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 42, n. 165, p. 77-98, 2005.
- AZEVEDO, Thales de. *A religião civil brasileira: instrumento político*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- AZZI, Rionlando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil: terceira época*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BELLAH, Robert. *Civil religion in America*. Disponível em: [http://www.robertbellah.com/articles\\_5.htm](http://www.robertbellah.com/articles_5.htm). Acesso: 10/04/2021.
- BETTO, Frei; MENESES, Adélia Bezerra; JENSES, Thomaz (orgs.). *Utopia urgente: escritos em homenagem a frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos*. São Paulo: Casa Amarela: EDUSC, 2002.
- COURTNOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrezej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. 19.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

- GUÉNON, René. *A Crise do Mundo Moderno*. Lisboa: Vega, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *História dos conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.
- LIBANIO, João Batista. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARX, Karl. *O 18 brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MOURA, Dom Odilão. *Ideias Católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: editora convívio, 1978.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. A Revolução de 1960. *Catolicismo*, Campos dos Goytacazes, Ano 10, n. 109, janeiro de 1960.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Em defesa da Ação Católica*. São Paulo: Artpress, 1983.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. A Cruzada do Século XX. *Catolicismo*, Campos dos Goytacazes, ano 1, n. 1, janeiro de 1951, p. 1.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Nossos objetivos. *Catolicismo*, Campos dos Goytacazes, ano 1, n. 1, janeiro de 1951, p. 4.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. Hierarquia e Revolução. *Catolicismo*, Campos dos Goytacazes, ano 1, n. 1, janeiro de 1951, p. 1.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de; SOLIMEO, Gustavo Antonio; Luiz Sérgio. *As CEB's... das quais muito se fala, pouco se conhece: a TFP as descreve como são*. 3. ed. São Paulo: Vera Cruz, 1982.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Minha vida pública: compilação de relatos autobiográficos de Plínio Corrêa de Oliveira*. São Paulo: Artpress, 2015.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Notas autobiográficas*. Volume II. São Paulo: Editora Retornarei, 2010.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contrarrevolução*. São Paulo: Artpress, 2009. 1999.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. O Arcebispo Vermelho abre as portas da América e do mundo para o Comunismo. *Catolicismo*, fevereiro, p. 8, 1969.
- PINHO, A. O Concílio Vaticano II e a Modernidade. *Humanística e Teologia*, v. 34, n. 1, p. 133-42, jun. 2013.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Ato Institucional número 01 – 09/04/1964. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-01-64.htm#art11](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-01-64.htm#art11).
- SIGAUD, Geraldo de Proença. Um discurso Memorável. *Catolicismo*, Maio, p. 8, 1964.
- SCHMITT, Carl. *Teologia política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- TARSO, Paulo de. *Os cristãos e a revolução Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- ZANOTTO, Gisele. *Tradição, família e propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995)*. 2007. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.